

TRABALHOS DO INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA
«DR. MENDES CORRÊA»
FACULDADE DE CIÊNCIAS DO PORTO
Director — *Prof. Doutor A. Rozeira*

N.º 5

Escavações no Castro de Sabrosa em 1968

POR

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Vogal da 1.ª Subsecção da 2.ª Secção da Junta
Nacional de Educação



PORTO
Imprensa Portuguesa
108, Rua Formosa, 116
1969



B)
03.3(469.22)(04)
AN

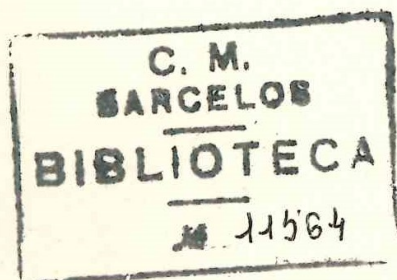
TRANSFERENCIA AUTORIZADA
POR DESPACHO DE 26 / 5 / 82

PUBLICAÇÕES

DO

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa»

1. SANTOS JÚNIOR, J. RODRIGUES DOS, 1969 — *O Professor Mendes Correia, fundador e 2.º presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.*
2. MACHADO CRUZ, J. AMORIM, 1969 — *Regime Comunitário Pastoril na Serra Amarela (Ermida — Ponte da Barca).*
3. ISIDORO, A. FARINHA, 1969 — *Antas do concelho de Portalegre.*
4. SANTOS JÚNIOR, J. RODRIGUES DOS, 1969 — *Os «Cantares» de Rosalia de Castro e o povo galego em alguns aspectos da sua Etnografia de há cem anos.*



Barceliana

Perm.

Escavações no Castro de Sabrosa em 1968

Escavações no Castro de Sabrosa em 1968

O Castro de Sabrosa, *Castelo dos Mouros* ou *Cristêlo* como é hoje vulgarmente conhecido, é o velho *Castelo da Sancha*, antiga designação caída em desuso e proveniente da sua vizinhança com a antiquíssima aldeia da Sancha: fica situado no extremo oriental da Serra do Criveiro, em termo do concelho de Sabrosa, distrito de Vila Real.



Fig. 1 — Troço duma parede de suporte no ponto mais alto do Castro de Sabrosa, ou «torreão» como lhe chama o povo. Na fotografia vê-se o Sr. Joaquim Ervedosa que, com todo o entusiasmo tem acompanhado as escavações e, em parte, as tem subsidiado.

O Castro dista 2 kms a norte da vila de Sabrosa está sobranceiro à estrada que segue para a Balsa, e dela distante uns 400 metros.

No ano de 1968 prosseguiram as escavações ainda quase com a finalidade essencial de marcar o delineamento das muralhas e refazimento das mesmas com os materiais delas derruídos.

Visitei o Castro para orientação de trabalhos nas férias da Páscoa em 8 de Abril de 1968 e de novo em 19 do mesmo mês de Abril. Voltei em 1 de Agosto, depois em 14 de Outubro, pela quinta vez em 22 de Outubro e por último em 5 de Janeiro de 1969.

O Sr. Joaquim Carvalho Ervedosa, proprietário local e delegado em Sabrosa da 2.^a Subsecção (Arqueologia) da 1.^a Secção (Belas-Artes) da Junta Nacional da Educação, tem sido o grande elemento das escavações em curso. Não só tem subsidiado do seu bolso algumas despesas com os trabalhadores, mas também, dado o prestígio que goza na região, tem conseguido participações monetárias e trabalho braçal gratuito de pessoas da terra, a quem transmite o seu entusiasmo pelas obras no Castro.

O Sr. Manuel Alfredo Sousa Castro Marques, distinto professor primário e Delegado Escolar no concelho de Sabrosa, tem vivido com invulgar entusiasmo o ressurgimento daquele grande Castro, acompanhando os trabalhos com grande dedicação e acerto.

A tão dedicada colaboração que tem sido o braço direito do Sr. Joaquim Ervedosa, são devidos merecidos louvores.

No ano de 1968 prosseguiram os trabalhos da campanha anterior.

Muralhas

Prosseguiu o descobrimento das bases das muralhas nos pontos onde a sua destruição foi levada quase ao rés da terra, e cujo delineamento é quase sempre marcado por amontoados de pedregulhos e cascalheira, às vezes mascarados por vegetação arbustiva.

A muralha do lado poente refez-se numa extensão de uns 50 a 60 metros. O seu alteamento fez-se com a pedra que havia caído junto dela, em parte soterrada, e mais pedras caídas e espalhadas pelo fosso subjacente.

No descobrimento do delineamento deste belo pano de muralha, que vem do coto cimeiro e se estende para sul, em dada altura desaparece a base ou alicerce da muralha. A escavação naquele sítio parou.

Os trabalhos naquele ponto têm que prosseguir cautelosamente. Tratar-se-á duma destruição total da muralha para levar a pedra para construir casas na vila de Sabrosa, ou será solução de



Fig. 2 — Porção da 1.^a muralha ou muralha exterior, do lado leste.

continuidade correspondente a uma entrada ou porta? É assunto a esclarecer numa prospecção cuidada a realizar numa próxima campanha. A muralha da parte sul não foi ainda totalmente posta a descoberto. Na sua maior extensão deve ter sido destruída até ao rés da terra para levarem a pedra para fazer casas na vila de Sabrosa. A razão é simples. É que nesta parte do Castro era mais fácil o carreamento da pedra pelos muitos carros de bois que se empregaram no seu transporte.

Coto cimeiro ou coruto a que o povo chama «torreão»

No coruto do Castro há uma série de muretes e paredões que parecem constituir pelo menos duas fiadas em anel abraçando o ponto mais alto do recinto castrejo.



Fig. 3 — Vertente leste do Castro de Sabrosa. Ao fundo vê-se um troço da muralha reconstruído com pedras dela derruídas.

Pelo que até agora se vê verificam-se dois tipos de construção desses muretes. Uns de pedras maiores e de afeição menos cuidado, são de construção rude, mais grosseira. Não se lhe distingue com nitidez a face interna de maneira que é de supor que sejam muros de suporte. Ao lado destes há muretes de pedras mais pequenas, de assentamento mais cuidado, que devem corresponder a uma outra fase de construção, provavelmente posterior. A desobstrução dos entulhos que revestiam o coruto, não foi feita completamente. Não pode ainda afirmar-se com segurança se aqueles muretes

bordejavam rampas de acesso ao ponto cimeiro, como parece deprender-se pelo que já se vê.

A continuação dos trabalhos naquele ponto tem que ser especialmente cautelosa.



Fig. 4 — Troço da muralha do lado poente Na fotografia vê-se o Professor e Delegado Escolar Sr. Manuel Alfredo Marques, que, sob nossa orientação, tem dado seguimento às escavações.

Espólio

Embora como atrás se refere, os trabalhos até agora realizados quase se tenham limitado a descobrir o alinhamento das muralhas e a alteá-las com as pedras que delas caíram, algum espólio tem aparecido ao desenterrar as pedras, umas mais outras menos soterradas. É de crer que quando se abrirem valas exploradoras dentro do recinto castrejo, com a cuidada crivagem das terras, apareçam as coisas próprias da cultura castrejas. Têm continuado a aparecer *tegulae* e *imbrices* bastante fragmentados. Tem-se recolhido

alguma cerâmica grosseira, micácea e granosa, porções geralmente pequenas de vasos de vários tamanhos. Alguns fragmentos cerâmicos, delgados e de pasta fina, estão também guardados numa espécie de museu incipiente, instalado num armazém que é propriedade do Sr. Joaquim Carvalho Ervedosa. Faz parte do museuzinho do Castro numa estranha peça de ferro, um grande machado de forma oblonga sub-rectangular, com gume rectilíneo de 35 cm de comprimento e o peso de 4,5 kgs. É como que um machado guilhotina. Foi oferecido ao Sr. Joaquim Ervedosa pelos seus achadores que relataram assim o seu achamento. Há uns 20 anos trabalhavam em busca de estanho na vertente sul e a uns 20 metros da muralha exterior do Castro quando toparam com uma talha ou panela de barro, que imediatamente quebraram para, sôfregamente, ver o seu conteúdo. Nela nada encontraram, mas junto da mesma toparam com o machado de ferro que, pelas suas dimensões, forma estranha e grande peso faz lembrar uma guilhotina. Juntamente com o machado apareceram duas argolas ou arrecadas (brincos?) de metal. O machado guardaram-no. As argolas não se sabe onde param. Parece que as venderam.

Ao terminar este pequeno relatório não quero deixar de, mais uma vez, realçar a prestimosa colaboração que o Sr. Joaquim Carvalho Ervedosa e o Sr. Professor Manuel Alfredo Sousa Castro Marques, Delegado Escolar no concelho de Sabrosa, têm prestado às explorações arqueológicas que têm sido feitas no Castro de Sabrosa, o antigo *Castelo da Sancha* ou *Castelo dos Mouros* ou *Cristêlo* como vulgarmente lhe chama o povo da região.

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Vogal da 1.^a Subsecção da 2.^a Secção da Junta
Nacional de Educação

Extracto do fascículo 1-4 do vol. XXI

DOS

Trabalhos de Antropologia e Etnologia

biblioteca
municipal
barcelos



11564

Escavações no Castro de
Sabrosa em 1968